

# Interfaces

---

ISSN 2179-0027

VOLUME 10 NÚMERO 2

# Revista Interfaces

## **Editora-chefe**

Dr. Maria Cleci Venturini

## **Conselho Editorial**

Dr. Adail Sobral (UCPEL)

Dra. Alice Atsuko Matsuda (UTFPR)

Dra. Amanda Eloina Scherer (UFSM)

Dr. Antônio Esteves (UNESP)

Dra. Aracy Ernest (UCPEL)

Dr. Antonio Escandiel de Sousa (Unicruz)

Dra. Carme Regina Schons (UPF) in memorian

Dra. Eneida Chaves (Universidade Federal de São João Del Rey)

Dr. Eclair Antonio Almeida Filho (UNB)

Dr. Eduardo Pellejero (UFRN)

Dra. Elisabeth Fontoura Dorneles (Unicruz)

Dra. Ercília Cazarin (UCPEL)

Dra. Gesualda dos Santos Rasia (UFPR)

Dra. Luísa Lobo (UFRJ)

Dra. Marcia Dresch (Universidade Federal de Pelotas/RS)

Dra. Maria da Glória Di Fanti (PUCRS)

Dra. Maria Cristina de Almeida Mello Laranjeira (Universidade de Coimbra)

Dra. Mary Neiva Surdi da Luz (UFFS/Chapecó)

Dra. Sonia Pascoalati (UEL)

Dra. Verli Petri da Silveira (UFSM)

## **Consultores *ad hoc* desta edição**

Adilson Carlos Batista

Alice Atsuko Matsuda

Aline Venturini

Alexandre Marcelo Bueno

Anísio Batista Pereira

Altamir Botoso

Bruno Santos Pereira

Bárbara Del Rio Araújo

Bruno Santos Pereira

Camila Gouveia Prates de Paiva

Carla Lavoratti

Cibele Lemke

Cindy Mery Gavioli Prestes

Célia Bassuma Fernandes  
Cláudio de Almeida Mello  
Danielle Fardin Fernandes  
Débora Massmann  
Dejair Dionisio  
Denise Gabriel Witzel  
Edson Santos Silva  
Evelin Stefanie Ferreira  
Fabiano Tadeu Grazioli  
Fernanda Delatorre  
Guilherme Beraldo de Agrade  
Jéfferson Balbino  
Jefferson Gustavo dos Santos Campos  
Leandro Tafuri  
Liana Cristina Giachini  
Lídia Stutz  
Loremi Loregian-Penkal  
Lucelene Francheschini  
Luciana Fracasse Stefaniu  
Luís Alberto dos Santos Paz Filho  
Maria Cláudia Teixeira  
Maria Salete Borba  
Márcia Costa  
Margarete Maria Soares Bin  
Nádia Nelziza Lovera de Florentino  
Neide Garcia Pinheiro  
Nilceia Valdatti  
Oriana de Nadai Fulaneti  
Patrícia Cardoso  
Priscylla Karollyne Gomes Dias  
Rafael de Souza Bento Fernandes  
Renata Chrystina Bianchi de Barros  
Rosemary Elza Finatt  
Roziane Keila Grando  
Ruy Martins dos Santos Batista  
Sandrieli Bueno  
Sara Regina Scotta Cabral  
Tânia Clemente de Souza  
Thalita Rose Tamiarana  
Tatiana Barbosa Sousa  
Vanessa Goes Denardi  
Verli Petri da Silveira

## **Revisores de texto**

Eloisa Baldissarelli  
Maria Cláudia Teixeira

## **Arte da capa e diagramação**

Eloisa Baldissarelli  
Iago Albuquerque

## **Responsáveis Técnicos**

Eloisa Baldissarelli  
Iago Albuquerque

# Sumário

---

## **Apresentação**

Maria Cleci Venturini

7-12

## **Artigos**

- O “uso” como fundamento de descrição da língua nas gramáticas castelhanas de Nebrija e Nello** 13-24  
Kelly Cristini Granzotto Werner e Eliana Rosa Sturza
- O vaticínio de odete semedo: o pensamento animista em no fundo do canto (2010)** 25-36  
Jorge Adeodato Junior e Ricardo Jorge de Lucena Lucas
- Formação inicial de professores e PIBID Inglês: uma proposta de reflexões didático-críticas e ensino** 37-51  
Everton Gelinski Gomes de Souza
- A compreensão responsiva ativa do aluno em uma prática de letramento literário no Ensino Médio** 52-63  
Sílvio Nunes da Silva Júnior e Antonia Maria Medeiros da Cruz
- Aprendizagem em foco: entre o ler e o compreender** 64-72  
Vanessa Goes Denardi
- Solidão, evasão e revolta do eu-lírico no poema “London”, de William Blake** 73-81  
Altamir Botoso
- Al príncipe y a la princesa no pude verlos: noções de gênero gramatical em Gramática de la Lengua Castellana** 82-90  
Felipe Rodrigues Echevarria
- Novo DEIT – Libras, dicionário enciclopédico ilustrado trilingue de língua brasileira de sinais como instrumento linguístico no processo de gramatização da Libras** 91-100  
Andréa Tórres Vilar de Farias e Angélica Torres Vilar de Farias
- Conexões discursivas entre Panmela Castro e Frida Kahlo: uma leitura sobre os movimentos de sentidos** 101-111  
Roberta Rosa Portugal
- Política linguística, pluringuismo e consenso** 112-122  
Rodrigo Pereira da Silva Rosa e Tania Conceição Clemente de Souza
- A literatura sai do armário: O luto simbólico e a intolerância familiar em um milhão de finais felizes (2018)** 123-133  
Yuri Pereira de Amorim e Silvana Augusta Barbosa Carrijo
- Sauter la Clôture: uma leitura de Thérèse Raquin (1867), de Émile Zola** 134-146  
André Eduardo Tardivo e Ana Maria Soares Zukosk
- Ecos de modernidade em contos de Kate Chopin** 147-155  
Rosemary Elza Finatt
- O Museu Casa de Portinari e(m) conexões da rede: língua(gem), sociedade e as (não tão) novas tecnologias como estatuto do acontecimento discursivo** 156-172  
Jefferson Gustavo dos Santos Campos

---

<b>A poesia da masculinidade: um estudo da seleção e da apresentação dos 20 poemas clássicos que todo homem deveria ler, da revista masculina digital The Art of Manliness</b>	
Arthur Almeida Passos	173-189
<b>Maternidade à prova: memórias e desconstrução em AZmina</b>	
Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira	190-201
<b>Os modos de subjetivação nos anúncios publicitários de produtos anti-idades: uma série enunciativa na produção de verdade sobre o corpo feminino.</b>	
Sônia Berveglieri e Marcieli Coelho	202-213
<b>“Eu tenho que aprender sozinha”: o sujeito feminino pela poesia de Adrienne Rich</b>	
Ariane Neto Avila Neto de Farias, Anderson Martins Pereira, Mariane Pereira Rocha	214-224
<b>Os efeitos discursivos do enunciado “Intervenção Militar Já”: o retorno da ditadura ou o controle do caos?</b>	
Rosiene Aguiar Santos e Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes	225-236
<b>Preconceito linguístico e a língua de sinais</b>	
Marcio Jean Fialho de Sousa e Bruno Lutianny Fagundes Monção	237-245

## A língua/linguagem funcionando nas interfaces

*“Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma.” (FERNANDO PESSOA)*

Iniciamos a apresentação da Revista Interfaces da UNICENTRO com uma frase de Fernando Pessoa, entendendo que ela diz muito *sobre* a língua, *sobre* a literatura, *sobre* outras artes e *sobre* o ensino, mostrando a impossibilidade de textos/discursos significarem, sem a língua, fazendo-se linguagens, no plural. Trazemos Fernando Pessoa, também, porque entre tantos poetas, ele se destaca por mostrar que o poeta “finge” e “finge tão completamente” que “chega a pensar que é dor, a dor que deveras sente”... Sem destacar a data, sem mencionar a página de onde tiramos a epígrafe, mostramos as razões que nos motivam a pensar as interfaces, os entremeios, a língua, fazendo-se/circulando/significando/materializando-se pela linguagem em (dis)curso.

Colocamos em circulação o segundo número de 2019 e aproveitamos o espaço para agradecer a todos que publicam na revista, destacando os que realizam a avaliação *ad doc* (avaliando muitas vezes mais de um artigo), os diagramadores, os revisores, os articulistas... Esse agradecimento, nesse momento, é mais que especial, tendo em vista que a Interfaces teve melhora significativa na avaliação 2017-2018 (que não é definitiva, mas nos alegra muito) e porque temos recebido muitos artigos, o que evidencia a importância da revista. Em respeito aos que confiam no trabalho realizado pela equipe e aos que se dedicam para fazer do veículo um meio importante para a divulgação de pesquisas, aumentamos o número de artigos de quinze para vinte e pedimos desculpas aos pesquisadores que terão suas contribuições publicadas em outras edições.

Estamos no décimo ano de circulação com publicações ininterruptas e regulares e nos preocupamos, cada vez mais, com a divulgação/disseminação de pesquisas em Letras, Literatura e áreas afins. Com certeza, a Revista Interfaces constitui-se como espaço, no qual diferentes domínios do conhecimento circulam, mostrando que a produção do conhecimento não acontece somente na interdisciplinaridade, mas também nas interfaces e nos entremeios. Na área de humanas, os saberes se recobrem e se reclamam por darem a ver/ler o mundo, por/a partir de sujeitos, inscritos em práticas sociais, culturais e memoriais.

O “uso” como fundamento de descrição da língua nas gramáticas castelhanas de Nebrija e Bello”, de Kelly Cristini Granzotto Werner e Eliana Rosa Sturza, pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é observado em duas gramáticas do castelhano: *Gramática de la lengua castellana* (1492), de autoria de Antonio de Nebrija, e a *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos* (1847), de Andrés Bello. À luz da História das Ideias Linguísticas, as pesquisadoras propõem-se a discutir a noção

de “uso”, estabelecendo possíveis aproximações e distanciamentos, como critério tomado pelos dois gramáticos para definir a língua a ser descrita. O artigo responde às seguintes questões: Que “uso” é esse? O que esse “uso” determina no que se refere à língua? Que língua é essa que passa a ser descrita pelos gramáticos nas duas obras? Essas questões ajudam na compreensão da dimensão que essa noção de “uso” ganha para Nebrija e Bello.

Silvio Ruiz Paradiso, professor de Literaturas Africanas, da Universidade Federal do Recôncavo Bahiano (UFRB), discute no artigo “O vaticínio de Odete Semedo: o pensamento animista em no Fundo do Canto (2010)” a poética da catástrofe e o silenciamento das tradições, do animismo e das divindades autóctones da Guiné Bissau. Segundo o autor, a escritora Odete Semedo quer, com seu texto, “dar a voz aos *irans* e, conseqüentemente, voz e agência às práticas religiosas tradicionais”. O autor destaca, ainda, que estas vozes representam a significação de uma unidade nacional pós-guerra, bem como, a reconstrução identitária de Guiné Bissau, por meio do pensamento animista.

Evertton Gelinski Gomes de Souza, professor da UNICENTRO, propõe uma reflexão didático-crítica para alunos-professores em formação inicial no PIBID Inglês. A ancoragem teórica advém de práticas reflexivas desenvolvidas por Dewey, 1933 e Schön, 1988. Outro conceito destacado é o de transposição didática, a partir de Chevallard, 1989. Em seu artigo, o autor busca pensar como essas noções contribuem para a formação inicial de professores, especialmente, no PIBID, destacando que reflexões em torno da instauram a possibilidade de romper com a visão hegemônica autoritária nos currículos de formação de professores.

Os autores do artigo “A compreensão responsiva ativa do aluno em uma prática de letramento literário no Ensino Médio”. Sílvia Nunes da Silva Júnior (UFAL) e Antonia Maria Medeiros da Cruz (UFPB), como pesquisadores, ancoram sua proposta nos pressupostos teóricos de Bakhtin, Volochinov (Estudos Diálogos) e em Moita Lopez (Linguística Aplicada). As discussões giram em torno de aspectos constitutivos da compreensão leitora, a partir do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, a partir dessa fonte os alunos realizam suas produções, as quais compõem o *corpus* de análise da pesquisa. Os resultados da investigação sinalizam para a necessidade das práticas de letramento literário na educação básica, com vistas a propiciar formações críticas e autônomas no Ensino Médio.

Vanessa Goes Denardi (UFSC), no artigo “Aprendizagem em foco: entre o ler e o compreender”, destaca que há alguns anos o estudos da Psicolinguística têm procurado refletir sobre os métodos de aprendizagem da leitura, considerando os processos cognitivos e as relações entre as diferentes aquisições que resultam na alfabetização. A pesquisadora ancora-se em Marcuschi (2008) e Moraes (2013) para pensar a leitura e entrecruza a reflexão desses autores com estudiosos como Bowey (2013, Kintsch e Rawson (2013 e Coelho e Correia (2017), buscando construir um quadro referencial que possibilite discutir a complexidade e a relevância do ler e do compreender. Nesse trabalho, o sentido decorre de uma base inferencial.

Solidão, evasão e revolta do eu-lírico no poema “London”, de William Blake” é o texto a partir do qual Altamir Botoso (UNESP/Assis) evidencia elementos constitutivos do poema publicado pela primeira vez em 1819. Além da revolta do eu-lírico e da luta contra a sociedade, de acordo com o autor, estão presentes também, a solidão, o desejo de evasão, que sinalizam para a permanência de traços românticos em “uma composição poética contemporânea, que dialoga com o texto de Blake – London,



London, de Caetano Veloso”. O poema mostra, também, que a solidão independe do tamanho da cidade ou de qualquer outro fator, resultando do desejo de evasão da realidade, da busca pela liberdade.

No artigo “Al príncipe y a la princesa no pude verlos: noções de gênero gramatical em gramática de la lengua castellana”, Felipe Rodrigues Echevarria (UFES) destaca que essa gramática concede ao espanhol latino-americano um lugar de legitimidade, fazendo com que os falantes possam encontrar nela o que é próprio do espanhol da América Latina. Isso significa que não houve uma ruptura total no espanhol tradicional, mas o funcionamento de um gesto que desmistifica a crença em torno da valoração e da correção da língua do colonizador. O autor destaca que esse gesto “se configura como um movimento definido por Orlandi (2009) como *descolonização linguística*”. As análises mostram, também, que as gramáticas não se limitam a regras gramaticais. O que funciona nelas é a língua na exterioridade, sinalizando para práticas sociais que se manifestam por meio dos dicionários e das gramáticas.

De acordo com Andréa Tôrres Vilar de Farias e Angélica Torres Vilar de Farias (UFPB), “os dicionários se caracterizam por objetivarem a realização de uma descrição do léxico de uma língua de forma sistemática”. Nesse sentido, Novo DEIT – Libras, Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Língua Brasileira de Sinais, reeditado em 2009, funciona como um instrumento de gramatização da Libras, buscando construir sobre ela o efeito de completude da língua. Com isso propicia o entendimento do funcionamento da Língua de Sinais, enquanto língua natural.

Roberta Rosa Portugal (UFRGS), em seu artigo “Conexões discursivas entre Panmela Castro e Frida Kahlo: uma leitura sobre os movimentos de sentidos”, toma como objetos de análise um grafite e um desenho do diário de Kahlo, tomando esses exemplares imagéticos como discurso com vistas a verificar se há conexões entre elas. Para isso, busca as formações discursivas em que as duas mulheres se inscrevem e os efeitos de sentidos que as materialidades recortadas produzem. O enunciado presente no grafite é “O lugar da mulher é onde ela quiser...” e “... pés? Para quê os tenho se tenho asas para voar?”. No diário de Frida, o destaque está em pés e voar. Com isso, é possível dizer que há conexões entre Panmela Castro e Frida Kahlo, mas a primeira se inscreve em uma formação discursiva feminista, centrada em uma posição sujeito ativista e, mas a segunda (Frida) assume a posição sujeito de conformismo, apesar dos efeitos de subversão e das condições sócio-históricas encaminharem para uma filiação ao discurso feminista.

O artigo “Política linguística, plurilinguismo e consenso”, de Rodrigo Pereira da Silva Rosa e Tânia Clemente de Souza (UFRJ) destaca a contradição em funcionamento em relação às políticas linguísticas no Brasil. Os autores destacam que as imigrações ocorrem, no Brasil, desde o século XIX; há um número elevado de línguas autóctones e, somado a isso, ocorre o acolhimento de refugiados com muita frequência. Apesar dessa realidade, não há reconhecimento jurídico por parte do Estado brasileiro, pois somente o Português é reconhecido como língua oficial. Diante disso, os autores propõem dois questionamentos: 1) Que direitos são, de fato, delegados a este contingente tão diferenciado de cidadãos brasileiros (caso dos imigrantes e indígenas), se tudo depende do domínio da língua portuguesa?; 2) Como o Estado planifica ações que busquem lidar com uma situação de plurilinguismo, quando se insiste em termos legais no mito do monolingüismo? Os fundamentos teóricos são os da Análise do Discurso, aliando o campo da Sociolinguística, a partir de Calvet, especialmente pela noção de política linguística *in vivo*.

No artigo “A Literatura sai do armário: o luto simbólico e a intolerância familiar em um milhão de finais felizes (2018)”, Yuri Pereira de Amorim e Silvana Augusta Barbosa Carrijo (UFG – Região do

Catalão) sinalizam, a partir do título, para o fato de a Literatura estar intrinsecamente conectada à condição humana e apresentar essas temáticas de forma plurisignificativa e humanista. O autores se propõem, a abordar as questões relacionadas a gênero e sexualidade na obra *Um milhão de finais felizes* (2018), de Vitor Martins, focando na reação de intolerância dos pais diante da descoberta da homossexualidade do filho, personagem na obra literária e no luto simbólico por parte da mãe. As discussões ancoram-se nos estudos propostos por Azevedo (2004), Facco (2009), Mott (2002), Kübler-Ross (1985), entre outros.

O objetivo proposto por André Eduardo Tardivo (UEM) e Ana Maria Soares Zukosk (Universidade do Minho, PT) no artigo “*Sauter la Clôture: uma leitura de Thérèse Raquin* (1867), de Émile Zola”, consiste em analisar sob a ótica do naturalismo o comportamento de Thérèse, Laurent e a Sra. Raquin - três principais personagens do romance francês *Thérèse Raquin* - publicado em 1867, por Émile Zola, destacando a relação dessas personagens com o meio. O foco está na construção do adultério feminino a partir da estética naturalista e suas contribuições para a compreensão da condição humana. Os autores destacam, ainda, a importância da literatura francesa para o mundo ocidental e sublinham que a leitura realizada em torno da obra e das personagens femininas dá visibilidade “à relação visceral entre espaço e personagens”, decorrente do discurso científico e biológico, que segundo o naturalismo determina as ações humanas.

Em “Ecos de modernidade em contos de Kate Chopin”, Rosemary Finatt (UNESP/Araraquara) realiza uma análise temática e estrutural dos contos “*Uma mulher de respeito*” e “*O temporal*”, de Kate Chopin, mostrando o aspecto inovador da ficção chopiniana. Segundo a autora, a ousadia das heroínas e a estratégia narrativa a partir de desfechos abertos destacam uma pluralidade de sentidos, visto como modernos no XIX e evidenciam o viés transgressor como uma das características de Kate Chopin (1850-1904). Dentre os temas abordados por Chopin estão o preconceito racial, o divórcio e a infidelidade feminina, apontando para uma escrita profundamente crítica, reveladora da natureza humana por trás das máscaras sociais.

Jefferson Gustavo dos Santos campos (UEM) inscreve-se na perspectiva discursiva centrada nos estudos foucaultianos, delimitando a noção de técnica na sua dispersão histórica e acontecimental “como condição de emergência para a materialização e circulação dos discursos”. Tendo em vista a sua filiação teórica, situa, em seu texto, as implicações decorrentes da visão de história pelo presente a partir das maneiras de ver nas sociedades democráticas. Nesse funcionamento, os discursos se materializam e circulam sob modalidades enunciativas diversas, resultando em efeitos sociais que incidem sobre os modos de ler, inclusive, os discursos sobre a arte. Nesse sentido, a imagem digital, em sua função enunciativa, significa como condição de possibilidade na discussão do estatuto da memória e das redes de sentido na constituição dos modos de ler.

Com o objetivo de verificar e compreender o que motiva a seleção e a apresentação dos textos poéticos, incluídos na revista masculina digital *The Art of Manliness (A Arte da Masculinidade)*, Arthur Almeida Passos (PUCMinas) seleciona 20 poemas clássicos, identificados como poemas que todo homem deveria ler. Entre as conclusões reveladas no artigo “A poesia da masculinidade: um estudo da seleção e da apresentação dos 20 poemas clássicos que todo homem deveria ler, da Revista Masculina Digital *The Art of Manliness*” destaca-se o fato de que os critérios de seleção, utilizados pela revista, ultrapassam as questões propriamente masculinas e ressaltam a adesão a valores conservadores. Além disso, a seleção dos

poemas está condicionada aos compromissos assumidos pelos fundadores da revista, que se propuseram a destacar o tempo em que “homens eram homens”. Nesse modelo de masculinidade, os homens são fortes, ocupam lugar de destaque e são sempre protagonistas na sociedade. Apesar das críticas a esse modelo, a revista se propõe a resgatar um período conservador.

Núncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO), no artigo “A maternidade à prova: memórias e desconstrução em Azmina”, observa a partir de jornais e de revistas os traços de valores, de percepções e de ideias, que mostram a relação entre a mídia e a construção da memória. Segundo a autora, a imprensa possibilita pesquisas, articulações sociais, econômicas e culturais estruturadoras da sociedade e a partir delas que as mudanças e transformações da sociedade se tornam visíveis e interpretáveis. Nesse artigo, o recorte analítico incide sobre dois textos da coluna “Mãezinha Vírgula”, da Revista AZmina, desmistificando a maternidade na contemporaneidade, mobilizando conceitos relacionados à memória, ao gênero, à mídia e ao discurso.

Filiadas ao aporte teórico constituído pelos Estudos Discursivos foucaultianos, em que a base teórica abarca as noções de saber e de poder como categorias de análise de discursos sobre os corpos do indivíduo, Sônia Berveglieri e Marcieli Coelho (UEM) veem a possibilidade de compreender os modos de constituição dos processos de subjetivação do sujeito a partir de textos publicitários. Nesse sentido, propõem-se a realizar um gesto analítico que possibilite a leitura discursiva de uma série enunciativa, materializada em anúncios das empresas de cosméticos Avon, Boticário e Natura. O fio condutor do texto está em evidenciar regime de verdade sobre o corpo de mulheres que buscam produtos antissinais.

No artigo “Eu tenho que aprender sozinha”: o sujeito feminino pela poesia de Adrienne Rich”, as pesquisadoras Ariane Neto Avila Neto de Farias (FURG), Ânderson Martins Pereira (UFRGS) e Mariane Pereira Rocha (IFSul) destacam que a mulher foi relegada ao espaço privada e foi excluída das linhas históricas de construção da sua subjetividade. Os papéis destinados a ela foram os relacionados à maternidade e ao matrimônio. Acentuam, entretanto, que há, na atualidade, multifacetadas femininas e essa realidade mostram a necessidade de olhar as diferentes experiências femininas. Diante disso, a proposta desse artigo é refletir acerca da construção da subjetividade feminina a partir da poesia de Adrienne Rich. Os teóricos que sustentam as discussões são Michel Foucault (2015) e Michelle Perrot (2009).

O enunciado “Intervenção militar já”, segundo Rosienne Aguiar Santos e Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes (UESB), tem ganhado notabilidade nas redes sociais e constitui efeito de memória pelo qual ressoa o regime ditatorial brasileiro, entre 1960 e 1985. Entretanto, de acordo com as autoras, os sentidos dependem dos sujeitos, de sua inscrição ideológica e do período sócio-histórico em que os enunciados circulam. Nesse enunciado, a partir da posição-sujeito dos militares poderia ressoar a intervenção como uma necessidade para a manutenção da ‘ordem e do progresso’, apagando, desse modo a memória da Ditadura Militar, por meio do controle dos sentidos. Neste artigo as análises ancoram-se na Análise de Discurso pecheuxiana, (PÊCHEUX, 1969, 1975, 1983) e o *corpus* analítico se constitui a partir de materialidades que circularam na rede social Facebook, reproduzindo o enunciado “intervenção militar já”, sinalizando para o deslizamento de sentidos e para o equívoco.

Marcio Jean Fialho de Sousa (UNIMONTES) e Bruno Lutianny (Universidade Fernando Pessoa – Porto/PT) destacam em seu artigo “Preconceito linguísticos e a Língua de Sinais” a importância da compreensão das mensagens transmitidas, em detrimento dos parâmetros gramaticais. Diante disso, os

autores se propõe a discutir o preconceito linguístico e a relação com a Língua de Sinais, destacando que o preconceito linguístico se constitui como uma das formas mais perversas de exclusão social. Destacam, ainda que a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – apesar de ser uma língua oficial e de poder ser a língua materna para a comunidade surda, de acordo com a Lei 10.436 de 2002, ainda é considerada como segunda língua. Isso ocorre porque muitos a consideram como uma língua empobrecida por não apresentarem elementos de coesão, conforme discussões empreendidas por Lodenir Becker Karnopp e Ronice Muller de Quadros (2004).

Apresentados os vinte artigos que estruturam o segundo número de 2019 da Revista Interfaces, destacamos que todos os artigos são de interesse para a Linguística e a Literatura, mesmo que nem todos sejam de Linguística ou de Literatura. Reafirmamos que a Linguística e a Literatura são disciplinas que se constituem na interface com outros domínios e outras artes, pois a leitura se dá por meio de diferentes materialidades e para se concretizar necessita que os leitores se inscrevam nos entremeios. Isso vem demonstrar que as pesquisas e os resultados parciais submetidos para publicação na revista, resultam de um processo que realizado nos entremeios, sempre ancorado e sustentado na/pela linguagem. Desejamos uma boa leitura.

**Profa. Dr. Maria Cleci Venturini**  
**Editora-chefe**